

BOOKS

**António M. Feijó, João R. Figueiredo e Miguel Tamen (eds.),
O cânone, Lisboa, Fundação Cupertino de Miranda/Edições
Tinta-da-China, 2020, 533 p.**

O Cânone tem registado, desde a sua publicação, em outubro de 2020, pela Fundação Cupertino de Miranda / Edições Tinta-da-China, um sucesso fulminante. O livro, organizado por António M. Feijó, João R. Figueiredo e Miguel Tamen, impôs-se logo dentro do panorama editorial português como um dos livros mais interessantes e intrigantes dos últimos dois anos. Porém, o indisputável êxito do qual tem desfrutado esta obra (vejam-se os lançamentos algo grandiosos e os artigos que lhe foram dedicados), garantido, por um lado, pelos nomes que a elaboraram e, por outro, pelo ambicioso tema abordado, tornou-se logo alvo de debates intensos e prolongados.

Um dos elementos que logo intriga é o próprio título. Intitulado simplesmente *O cânone*, este livro não abrange, nas suas 533 páginas, como seria talvez de esperar, conceitos teóricos



gerais, nem os situa em diálogo com os seus principais criadores (Bloom ou Compagnon, entre muitos outros), embora quatro dos sessenta e quatro ensaios sejam dedicados à questão do cânone. Em vez disso, o que este livro faz é reconstituir e interpretar a história da literatura portuguesa. E fá-lo, de certos pontos de vista, muitíssimo bem.

Os sessenta ensaios dedicados a um autor, a um conjunto de autores (*As três Marias*), a uma corrente literária (*Barroco, Renascimento*), a uma geração (*Orpheu e Presença*) ou a uma série de autores agrupados segundo outros critérios (*Críticos, Memórias, Prémios*) reúnem um total de cinquenta personalidades literárias. Algumas delas, como Luís de Camões ou Fernando Pessoa, beneficiam de mais de um capítulo (dois ensaios, de autores diferentes, são dedicados a cada um destes escritores). O livro pode ser compreendido, portanto, como uma nova

história da literatura portuguesa. Mas, avisam os próprios autores, uma história subjetiva, dado que “não é uma boa ideia lê-lo como um guia neutro para a história da literatura portuguesa” (10). Também não seria aconselhável, sugerem os coordenadores, imaginá-lo “como um dicionário exaustivo da literatura portuguesa” (10). Este livro não é, portanto, nem completo, nem absoluto, nem objetivo. As opiniões nele apresentadas são diferentes “e até certo ponto divergentes” (10). O próprio conceito de cânone é tratado, nos quatro capítulos espalhados pelo livro, de maneira dissemelhante. Enquanto António M. Feijó apresenta ao leitor uma visão tradicional do cânone, lamentando a “incessante pressão igualitária” (13) que caracteriza a sociedade e influencia a constituição do cânone, João R. Figueiredo trata exclusivamente a literatura gay que, até recentemente, teve que praticar “exercícios de contorcionismo” (p. 173) e sofrer “luxações” (173) para permanecer “no armário” (173), Anna M. Klobucka deplora a “invisibilidade das mulheres no panorama literário nacional” (168) anterior ao século XX e tenta recuperar, no seu ensaio, as femininas “riquezas ocultas que o [...] passado desconheceu” (171), e Miguel Tamen, por outro lado, não parece acreditar em “esquecimentos injustos” (524). Este livro constitui, então, “uma série de ensaios com opiniões próprias, nem sempre maioritárias, sobre os autores e sobre as questões que escolhemos” (9).

E, por falar em escolha, eis a questão mais espinhosa deste livro: a seleção dos autores abordados. Ou, melhor, a exclusão daqueles que nele não se encontram representados. Já mencionámos o número de cinquenta escritores abordados, que vão de Luís de Camões a José

Saramago. Tenta-se destacar, em cada capítulo, a singularidade de cada autor, o “mérito” (93), a “alta cotação” (117), a “amplitude da difusão” (107), a transparente “implantação” (245) de certas obras de certos autores no cânone da literatura portuguesa. Quanto a António Lobo Antunes, não será a sua obra suficientemente meritória para figurar neste livro? Igualmente, muitos outros contemporâneos que parecem ter saído furtivamente das páginas deste livro. A resposta vem logo na introdução: “escolhemos apenas autores mortos (com uma exceção)” (9), explicam os editores. É preciso, então, falecer, para caber nas páginas deste livro: eis um critério um tanto excêntrico que, por outro lado, enuncia, sem o dizer diretamente, uma outra definição do cânone: ser canônico é, antes de tudo, estar morto. Mas nem todos os mortos são canonizados: alguns autores, como Sophia de Mello Breyner Andresen ou José Cardoso Pires, grandes ausentes deste livro, são deixados de fora. Observa-se aqui uma pretensão de impor uma hierarquia (veja-se também a pirâmide representada na capa do livro) que destabiliza, na realidade, toda uma história, extraindo da sua base elementos cruciais. Ao mesmo tempo, este grande compromisso que torna, de certa forma, implausível a missão dos autores não é apenas natural e inerente a um trabalho desta natureza, mas também justificado pelos editores, conscientes do risco de certas “omissões ser entendidas como excêntricas” (9). Trata-se aqui, explicam eles, “dos limites que qualquer livro necessariamente tem” (9). Além disso, “todas as escolhas são, até certo ponto excêntricas, e um cânone é sempre uma escolha” (9), que tem até “a vantagem de chamar a atenção para os hábitos adquiridos de quem lamentará as ausências”

(9). Nem sequer, aconselham no final da introdução deste livro, “vale a pena procurar nele o cânone da literatura portuguesa” (10). Eis a maior excentricidade desta obra: um cânone que nem pretende ser cânone, embora a própria organização do livro anseie por impô-lo. Subsiste aqui, na nossa opinião, um apetite pelo jogo e pela ironia que constitui uma das maiores qualidades desta obra.

O que é, afinal, este livro? É, dizem-no os próprios editores, “um livro de crítica literária” (10), audacioso, maleável e subjetivo, como cabe ser a uma obra desta natureza. Talvez uma fiel radiografia (embora, diriam uns, incompleta e, por isso, defeituosa) da literatura portuguesa,

cujos méritos não lhe podem ser recusados, dados a qualidade do pensamento crítico e o “espaço absolutamente singular” (347) que ocupa na paisagem editorial portuguesa. É uma história heterogênea da literatura portuguesa que acompanha, talvez, com mais fieldade, a realidade complexa e contraditória que nos rodeia, embora não abranja, pela escolha dos autores, a contemporaneidade. Um livro que, discordando de si próprio e da sua missão em muitos aspetos, concorda com a realidade literária e humana que nele convergem. E é, mais por isso do que por qualquer outra razão, um livro louvável e notável, que merece a atenção, bem despendida, dos seus leitores.

CRISTINA PETRESCU

Professora colaboradora, Universidade Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca, Roménia
Email: cristina.moraru@ubbcluj.ro

